

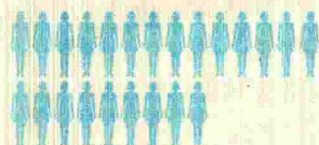
Saúde. Estudo da Universidade Federal de Minas Gerais indica que estrogênio dilata artérias cerebrais, aumentando a circulação do sangue e abrindo perspectivas de tratamento para doenças como Alzheimer; mas hormônio também ampliaria riscos de AVC e câncer

Reposição hormonal na menopausa melhora vascularização do cérebro

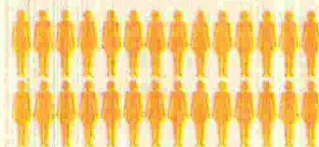
ENTENDA A PESQUISA

A experiência

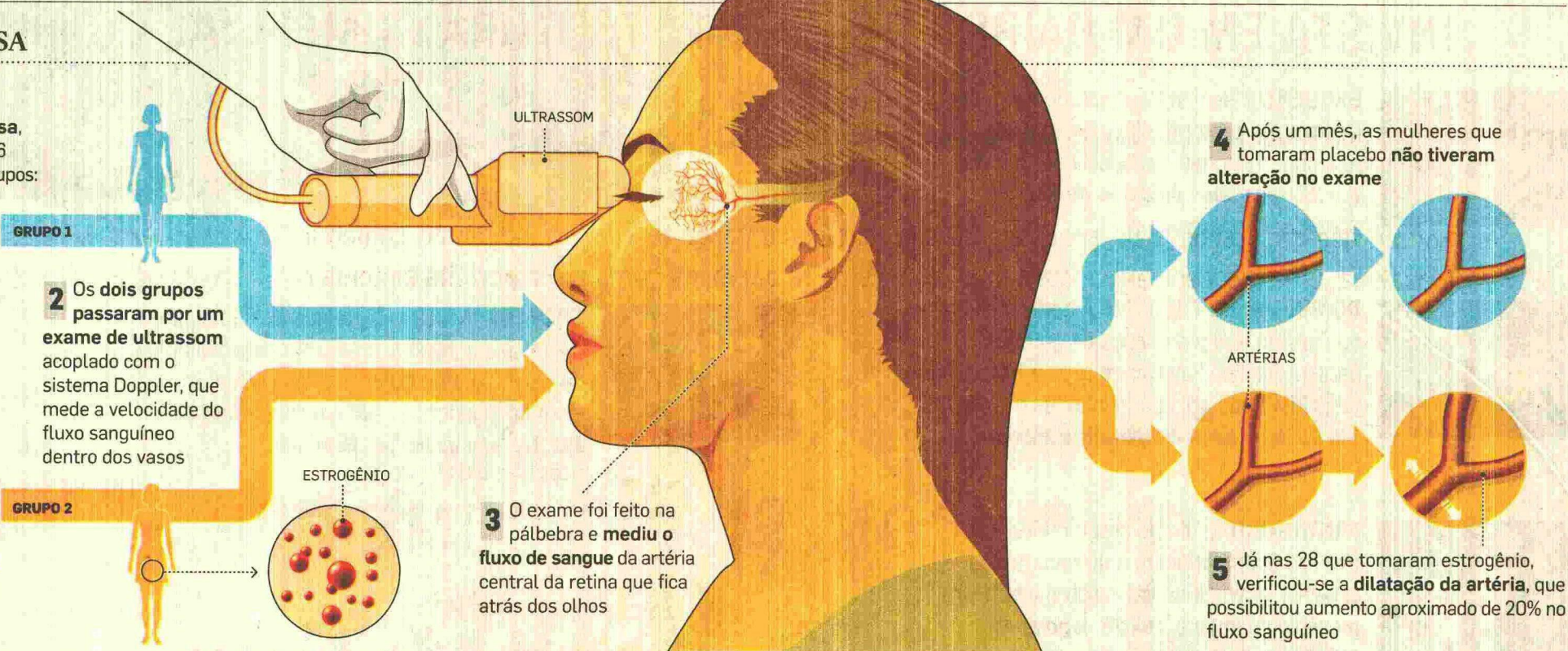
1 51 mulheres na menopausa, com média de idade de 53,6 anos, foram divididas em dois grupos:



No grupo controle, 23 mulheres receberam placebo



No outro grupo, 28 mulheres receberam estrogênio



INFOGRÁFICO: RUBENS PAIVA/AE

Karina Toledo

Pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) indica que o hormônio estrogênio tem efeito vasodilatador nas artérias e pode melhorar a vascularização do cérebro de mulheres na menopausa.

Participaram do estudo, publicado recentemente na revista *Menopause*, 51 mulheres com média de idade de 53 anos. As voluntárias foram divididas em dois grupos – um recebeu placebo e outro, comprimidos de estrogênio durante um mês.

Antes e depois do tratamento, um aparelho de ultrassom acoplado ao sistema doppler – capaz de medir a velocidade do fluxo sanguíneo – foi usado para avaliar a artéria central da retina, atrás dos olhos. Nas mulheres que receberam placebo, não houve alteração. Nas que tomaram estrogênio, a artéria estava dilatada, menos resistente e com maior fluxo de sangue.

Esse efeito vasodilatador do estrogênio havia sido demonstrado em artérias do útero e do ovário, mas não no cérebro, conta o coordenador da pesquisa, Selmo Geber. Segundo ele, a artéria central da retina foi escolhida por refletir tudo o que acontece no cérebro e uma das poucas que não estão escondidas pelos ossos do crânio.

“Muitas mulheres se queixam de problemas de memória ao entrar no climatério, o que costuma melhorar com a reposição hormonal. Uma das teorias é que o estrogênio melhora a vascularização do cérebro e, conse-

quentemente, as funções cognitivas.” Os resultados, segundo Geber, abrem perspectiva de pesquisa para doenças mais graves, como Alzheimer.

A neurocientista Débora Scerini, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), afirma que o estrogênio é importante para o sistema nervoso. “Algumas estruturas fundamentais para aprendizagem e memória, como o hipocampo, apresentam grande concentração de receptores para estrógeno”, explica.

O hormônio, continua, aumenta a quantidade de estruturas conhecidas como espinhos

dendríticos, que melhoram a comunicação entre os neurônios e melhoram a cognição. “Estudos mostram que a reposição hormonal pode prevenir ou retardar o desenvolvimento de Alzheimer. Mas o estrógeno não pode ser usado indiscriminadamente, pois pode aumentar o risco de acidente vascular cerebral (AVC) e doenças como câncer.”

Sheila Martins, da Academia Brasileira de Neurologia, diz que embora existam evidências de que o estrogênio possa retardar problemas de memória, elas não são conclusivas. “A reposição hormonal diminui a angústia das pacientes e isso pode se refletir em uma melhora da memória por aspectos psicológicos.”

Além disso, continua, existe a suspeita de que o hormônio, embora dilate as artérias, também aumente a viscosidade do sangue, fazendo com que ele tenha mais dificuldade para circular. “São necessários mais estudos para comprovar até que ponto seria seguro fazer a reposição.”

Estudo americano esfriou entusiasmo com o tratamento

● Até o início dos anos 1990, a reposição hormonal era considerada a grande aliada da mulher na menopausa. Acreditava-se que, além de aliviar sintomas como ondas de calor, sudorese e mal-estar, ela reduziria níveis de colesterol, risco de doenças cardiovasculares e osteoporose. Diminuiria secreção vaginal e infecções ginecológicas, rejuvenesceria a pele, elevaria a autoestima, teria ação antidepressiva e retardaria aparecimento de demência.

Mas em 1992 foi publicado um estudo americano – a Iniciativa da Saúde da Mulher (WHI, na sigla em inglês) – que avaliou 16.608 mulheres de 50 a 79 anos, divididas em dois grupos: o primeiro recebeu estrógeno e

progesterona e o outro, placebo.

Após 5,5 anos, decidiram encerrar o estudo antecipadamente, pois se comprovou que os riscos da reposição excederam os benefícios. As mulheres tratadas com hormônio tiveram aumento de 29% de ataques cardíacos, 41% de AVC, 113% de embolias pulmonares e 26% de câncer de mama. Em contrapartida, o risco de fraturas ósseas diminuiu 34% e o de câncer de cólon, 37%.

Desde então, a reposição hormonal passou a ser indicada apenas para casos em que a mulher não apresente fatores de risco e os sintomas desagradáveis sejam realmente intensos.

Para o presidente da Associação de Obstetrícia e Ginecologia de São Paulo, Cesar Fernandes, o problema do WHI foi ter misturado mulheres de diferentes idades, já que aquelas nos primeiros cinco anos do climatério seriam mais beneficiadas. / K.T.